

CHEGA DE TABUS: ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE FEMININA SEM PRECONCEITOS.

Autora:

Francisca Claudivânia Gomes Martins
Aluna da Universidade Estadual do Ceará (UECE)
claudivaniamartins@yahoo.com.br

Co-autoras:

Josefa Josênia da Costa Almeida
Aluna da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (UECE)
joseniaalmeida@hotmail.com

Fabíola Mota Falcão
Aluna da Universidade Estadual do Ceará (UECE)
FabiolaFalcao89@gmail.com

Orientadora:

Suzana Maria Capelo Borges
Professora da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (UECE)
suzana@multimeios@ufc.br

Resumo

Na atualidade, no mundo em que a cada dia novas tecnologias estão sendo produzidas, renovadas e reatualizadas, o tema sexualidade na adolescência ainda é um enigma para muitas pessoas e mais ainda quando tratada da sexualidade feminina. A adolescência, segundo alguns autores é uma fase da vida marcada por conflitos, como afirma Anna Freud apud Marta Suplicy (1988) embora outros afirmem o contrário. A UNICEF (2011) destaca a adolescência como uma fase marcada pelas oportunidades. Falar sobre adolescência, entretanto, ainda é bem mais fácil que falar sobre sexualidade feminina e, apesar de já termos grande preocupação em lidar e falar sobre o assunto de forma clara e não preconceituosa, ainda é um grande “tabu” em nossa sociedade, “tabu” que está intrinsecamente ligado à cultura antiga e atrasada que percebe a sexualidade como algo sujo, vergonhoso e difícil de ser tratada.

Palavras chave: Adolescência. Sexualidade. Tabus.

Resume

Today, in the world where every day new technologies are being produced, renewed and reatualizadas, the theme sexuality in adolescence is still an enigma to many people and even more so when treated female sexuality. Adolescence, according to some authors is a phase of life marked by conflict, as stated by Anna Freud cited Marta Suplicy (1988) while others claim otherwise. UNICEF (2011) highlights adolescence as a phase marked by opportunities. Talk about adolescence, however, it is still much easier to talk about female sexuality and, although we have already concern in dealing and talk about it clearly and unprejudiced, still a big "taboo"

in our society, "taboo "that is intrinsically linked to ancient culture and delayed it perceives sexuality as something dirty, shameful and difficult to treat.

Keywords: Adolescence. Sexuality. Taboos.

INTRODUÇÃO

A temática que abrange sexualidade sempre esteve encoberta por tabus e preconceitos, especialmente quando se refere à sexualidade feminina, o tema se torna ainda mais intangível quando o relacionamos a adolescência.

Temas que envolvem a sexualidade e a adolescência já estão sendo mais discutidos, embora encoberta por polêmicas e divergências, contudo ainda percebemos a existência de um vácuo profundo entre o conhecimento que é passado e as experiências vivenciadas pelos jovens. Alguns adultos tratam desses assuntos de forma superficial e deixam a desejar, quando esses assuntos exigem informação clara e precisa.

METODOLOGIA

Para a realização do presente trabalho foi utilizada a abordagem qualitativa, que segundo Oliveira (2014, p.37) apresenta “[...] um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”.

A metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica, que é baseada em livros, periódicos, “internet”, revistas, jornais, documentos, etc., os quais abrangem o universo de trabalhos teóricos já desenvolvidos, que tratavam de temas a respeito da adolescência e sexualidade feminina sem preconceitos, além de aprofundar a investigação realizando consulta aos estudos que trataram sobre opressão a sexualidade feminina.

OPRESSÃO A SEXUALIDADE FEMININA

Falar da opressão a sexualidade feminina nos remete a discussão das relações de gênero presentes na sociedade, na qual, ao logo do tempo, é facilmente percebida a diferenciação que feita entre homens e mulheres. De forma sutil pode-se perceber a discriminação que ocorre com o gênero feminino em algumas situações,

como por exemplo: a diferença entre o salário do homem e o da mulher. Isso ocorre devido a influência da dominação patriarcal, que ainda hoje determina o espaço e o comportamento a serem adotadas por homens e mulheres. Para estas, o local estabelecido é o fechado, no interior do ambiente privado e doméstico, onde elas aprendem que do gênero feminino a sociedade espera o ser mãe, cuidadora e maternal, a dependência, o ser companheira do homem, a pureza, a docilidade (FAGUNDES, 2005).

Ao contrário da mulher, ao homem é reservado o espaço aberto e público, em que o patriarcado designa o que a sociedade espere do gênero masculino, a virilidade, a racionalidade, a força, o controle, o engrandecimento de seu trabalho, sua profissão, a produção, sucessos, aventuras, conquistas, o ser provedor da vida e do destino da família, além do controle das emoções, tidas como sinônimo de fragilidade (FAGUNDES, 2005).

Esse processo de desenvolvimento do que é ser homem e do que é ser mulher influenciada pela dominação patriarcal produz e reproduz, ainda nos dias atuais, uma sociedade machista, preconceituosa, onde em muitas situações as mulheres ainda se sentem oprimidas em expor seus desejos e anseios e isso reflete muito na sexualidade, pois se sujeitam a certos comportamentos exigidos pela sociedade onde muitas vezes não é o que realmente desejam para sua vida sexual. A sociedade fornece subsídios para que cada vez mais o gênero feminino fique submisso ao homem, fazendo com que as mulheres sejam reconhecidas como sexos frágeis e acabem aceitando tudo o que lhes é proposto, principalmente no que diz respeito ao sexo.

A imposição do modelo heterossexual atrelado à subserviência feminina é um fator de destaque na entrada da fase adulta. O homem é ensinado a ser líder, macho e viril, tendo a mulher como submissa e frágil. A questão da homossexualidade é obscurecida e posta de lado, principalmente por ser vista como uma afronta à masculinidade, que não deve ser questionada (VIANA, 2006).

As mulheres estão ativamente participando do desenvolvimento da sociedade como todo, mas sentem a necessidade de serem livres para expor suas vontades sexuais sem preconceitos e julgamentos, em igualdade com os homens, os quais não são oprimidos quando manifesta de alguma forma seu desejo sexual, mas a

mulher é frequentemente julgada por sua roupa, sua postura ou mesmo pela cor do batom que está usando. Desde pequena a mulher é ensinada que falar sobre sexo é algo que não faz parte do universo feminino. Aprendemos quando criança, que masturbação feminina é feia, e que a masculina é normal.

Torres et al (2007) esclarece:

Os adolescentes, por influências tradicionais, tratam as mulheres como um ser dócil, cordial, cuidadora (*sic*) da família e também responsável pelo setor privado do lar; e os homens como capazes, ativos, fortes para o trabalho árduo e devendo responder pelo setor público do trabalho. Por esse sistema de gênero opressor, muitas mulheres não conseguem desenvolver a autoconfiança para levar a vida autonomamente, caracterizando a feminilidade como silêncio e conformação. (p. 300)

As mulheres estão adquirindo seu espaço na sociedade, algumas já possuem cargos públicos importantes, adquiriram o direito de votar e de ser votada, exercem funções que antes eram destinados aos homens, estão se formando nas universidades, adquiriram o direito de escolher seus maridos e o direito ao divórcio, entretanto essas conquistas ainda não são suficientes pra dizer que as mulheres possuem direitos iguais aos homens, para dizer que elas são livres de opressões, pois “[...] devemos reconhecer também que as mulheres permanecem uma classe explorada embora a forma como ocorra sua exploração tenha variado segundo as mudanças do sistema capitalista” (Moreira, 2013, s/p), a liberdade sexual feminina “[...] no decorrer do século passado representou muitos ganhos para a mulher, tais como o acesso legal ao aborto e ao divórcio. Mas a modernização do relacionamento e da atitude quanto ao sexo está longe de pôr fim à opressão delas nesse domínio; apenas mudou algumas coisas [...]”. (Moreira, 2013, s/p).

Quando a mulher anda na rua ela quer respeito dos seus pares independente da roupa que está usando, entretanto para a sociedade machista é natural o homem ver uma mulher bonita na rua e assobiar ou chamá-la de “gostosa” e a mulher ficar calada nessas situações, pois se sentem oprimidas, com medo de revidar o desrespeito que está sofrendo, não é fácil acabar com as discriminações construídas socialmente, com a opressão sofrida pelas mulheres, diante da face perversa de um moralismo repressor, que limita e restringe a vivência sexual das mulheres de acordo com uma suposta “vulgaridade”. Contudo sabemos que já aconteceram mudanças importantes a esse respeito, elas são vagarosas e sutis, mas existem.

ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE FEMININA SEM PRECONCEITOS

Quando se fala de sexualidade feminina surgem várias perguntas: o que é? Como acontece? Porque a ela resistimos? Porque é tão difícil falar sobre o assunto? Essas perguntas não são fáceis de responder. Moser diz que “por ser uma das energias estruturantes, presente em todos os aspectos da vida, a sexualidade se apresenta com uma multiplicidade de dimensões [...]” (2011, p. 39) e completa dizendo que “[...] a sexualidade é uma realidade dinâmica, e não estática [...]” (2011, p. 37).

Neste pequeno trecho é possível compreender a importância de falar sobre esse assunto de forma esclarecedora e desmistificadora, pois afinal a sexualidade está intrinsecamente ligada a nós, seres humanos, e ela é algo fundamental da nossa existência. O termo sexualidade normalmente é muito confundido com sexo, por isso mesmo se tornou um “tabu” em nossa sociedade. Afinal falar sobre sexo é considerado feio, sujo e inadequado (Yano; Ribeiro, 2011). Se estas palavras não são sinônimas, qual seria então a diferença entre elas?

O termo sexo está mais ligado às características biológicas e anatômicas, ou seja, ao gênero, que nos caracteriza como homem ou mulher; macho ou fêmea, mas ele também se refere ao ato sexual propriamente dito: “fazer sexo”.

Enquanto o termo sexo se limita às partes biológicas e anatômicas, a sexualidade engloba bem mais que isso,

(...) envolve também os sentimentos e desejos provocados por essa união. Várias das nossas atitudes podem revelar a sexualidade: o olhar, um roçar de mãos, o jeito de andar ou falar, de mexer no cabelo, de segurar um copo, de disputar uma competição esportiva, de trabalhar. (Suplicy, 1988. p. 10).

O que significa que apesar de muitas pessoas acharem que a sexualidade é um assunto constrangedor e difícil de ser abordado por envolver o sexo, é também um tema recorrente, necessário e importante, pois envolve também os sentimentos que existem por trás dele; as várias transformações que ocorrem, física e psicologicamente, na vida de uma pessoa, dentre muitas outras coisas.

A adolescência, entretanto, é uma fase de mudanças, onde a pessoa nem é considerada criança, nem é consideração adulta, mas que envolve um longo período,

que se situa entre essas duas fases da vida, e que é marcada pelas inúmeras mudanças físicas, psicológicas e sociais.

As mudanças físicas na adolescência costumam acontecer durante a puberdade e se caracterizam pela aceleração do crescimento esquelético, por alterações da composição corporal e pelo amadurecimento sexual. Baleeiro et al esclarecem que quando a puberdade “ocorre antes dos sete anos, (...) é considerada precoce; após os quinze anos, é considerada puberdade tardia” (1999, p. 40).

Nesse período acontece com os jovens, tanto do sexo feminino quanto masculino um crescimento acelerado de altura e peso, o aumento dos tecidos gordurosos, muscular e ósseo, o aparecimento dos pelos pubianos e axilares, o desenvolvimento dos genitais e o aparecimento das características sexuais secundárias, dentre outras.

As mudanças psicológicas estão ligadas as mudanças comportamentais. De acordo com Anna Freud:

É normal para o adolescente se comportar de maneira inconsistente e não-previsível. Lutar contra seus impulsos e aceita-los; amar seus pais e odiá-los; ter vergonha de reconhecê-los perante outros e querer conversar com eles; identificar-se e imitar os outros enquanto procura uma identidade própria. O adolescente é idealista, artístico, generoso e pouco egoísta como jamais o será novamente, mas também é o oposto: egoísta, calculista, autocentrado. (Anna Freud *apud* Marta Suplicy, 1988, p.22).

A adolescência, não obstante, por ser uma fase de transição, pode ocorrer de forma prazerosa e sem tantos conflitos ou ao contrário, pode ser fonte de sérios transtornos psicológicos. Segundo o relatório: “Situação da Adolescência Brasileira 2011”, os adolescentes,

(...) não são crianças grandes nem futuros adultos. São cidadãos, sujeitos com direitos específicos, que vivem uma fase de desenvolvimento extraordinária. O que experimentam nessa etapa determinará sua vida adulta. (UNICEF, 2011, p. 11)

Segundo a UNICEF (2011) a adolescência é marcada por uma fase de oportunidades de desenvolvimento e de novas descobertas, entretanto essa fase ainda não é garantida para todos os adolescentes, pois alguns deles precisam deixar de ser jovens para se tornar adultos antes do tempo. Segundo o relatório da UNICEF se o

direito de ser jovem for garantido, essa fase será de grandes descobertas, pois é nela que acontece de forma mais evidente a experimentação de novos sentimentos, conquistas, desafios, aprendizados e amadurecimento.

Para assegurar esse direito de ser adolescente de forma saudável, estimulante e protegida, a presença dos adultos é crucial. Sejam eles pais, educadores, parente, amigos, vizinhos, autoridades ou pessoas que de alguma forma convivem com essas garotas e garotos, os adultos precisam assumir uma perspectiva pedagógica, de diálogo, de respeito e de cuidados para com os adolescentes, assegurando seu desenvolvimento integral. (UNICEF, 2011, p. 19)

Nesta fase, um dos maiores conflitos vivenciados pelos adolescentes surge ao se perguntarem quem são eles, pois é nesse período da vida que estão formando suas identidades, estão se moldando. Nesse período também surgem às crises, os julgamentos, as negações, tanto de si quanto de seus pares.

Todos esses conflitos e mais alguns que fazem parte dessa etapa da vida, proporcionam ao adolescente aprendizado e crescimento e o quanto mais ele for auxiliado nessas mudanças, melhor será sua passagem para a vida adulta.

As mudanças sociais acontecem juntamente com as demais mudanças. A sociedade exige do adolescente certos comportamentos e ele, às vezes, age de forma diferente, e nesse momento acontece o que Baleeiro et al (1999) chama de “choque de gerações”. Esse conflito de gerações acontece por que o adolescente está construindo sua identidade e para isso é muito comum suas experimentações em diversos ambientes e grupos até que ele consiga se firmar em um só grupo para que simultaneamente possa construir sua identidade e possa sentir-se aceito pelos seus pares.

A aceitação do adolescente perante seus pares é uma possibilidade importante tanto para a sua formação quanto para a reelaboração da sua identidade

Para que haja realmente um desenvolvimento integral, as pessoas que estão ao lado dos adolescentes devem agir de forma tranquila, esclarecendo suas dúvidas de forma clara, honesta, franca e também respeitando suas opiniões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi exposto o que podemos concluir é que apesar das novas concepções vivenciadas no decorrer dos séculos em relação à opressão sexual feminina na sociedade como todo pode-se perceber que ainda precisa de muitas mudanças para que haja uma aceitação mais democrática no comportamento das mulheres onde as mesmas possam expressar livremente sem estar a todo momento sendo julgada por uma sociedade preconceituosa.

As mulheres assumem uma postura muito importante para o desenvolvimento de uma sociedade igualitária, ela é dona de casa, mas é também uma profissional capacitada para exercer grandes cargos públicos, ela merece o respeito de seus pares, merece o direito de escolher o que é melhor para a sua vida profissional e pessoal sem ser julgada ou repreendida.

Com relação à vida prática sexual das mulheres, a opressão é bastante evidente em diversos ambientes, ainda existe uma tendência grande das pessoas julgarem as mulheres por conta da roupa que estão usando, da forma como andam, como mechem no cabelo, etc., esse julgamento não vem apenas dos homens, mas também de outras mulheres q internalizaram a cultura machista da sociedade.

Mesmo com todos os avanços das tecnologias ainda existe muito preconceito para com esse gênero, revidar o preconceito não é uma tarefa fácil, mas é necessário, pois se todos se eximirem estarão contribuindo para uma sociedade machista e preconceituosa. Uma mulher oprimida é uma mulher sem direito de escolhas, é uma mulher amedrontada, insegura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALEEIRO, Maria Clarice; Siqueira, Maria José; Cavalcanti, Ricardo Cunha e Sousa, Vilma de. **Sexualidade do adolescente: fundamentos para uma ação educativa**. Fundação Odebrecht: Salvador, 1999.

CAREGNAT, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, v.15, n.4, dez 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

EGYPTO, A.C. et al. Papéis sexuais. In: BARROSO, C.; BRUSCHINI, C. **Sexo e juventude: como discutir a sexualidade em casa e na escola**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. Sexualidade e Gênero: uma abordagem conceitual. In: _____. **Ensaio sobre educação, sexualidade e gênero**. Salvador: Helvécia, 2005, p. 9-20.

LOPES, G.; MAIA, M. **Desinformação sexual entre gestantes adolescentes de baixa renda**. *Rev. Sexol.*, v. 2, n. 1, p. 30-33, jan./julho 1993.

SUPLICY, Marta. **Sexo para adolescentes: amor, homossexualidade, masturbação, virgindade, anticoncepção, AIDS**. FTD: São Paulo, 1988.

UNICEF. **O direito de ser adolescente: Oportunidade para reduzir vulnerabilidade e separar desigualdades / Fundo da Nações Unidas para a Infância**. – Brasília, DF: UNICEF, 2011.

MOSER, Antônio. **O enigma da esfinge: a sexualidade**. 7ª ed. Vozes: Petrópolis, RJ, 2011.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 6ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

TIBA, Içami. **Adolescência: o despertar do sexo** – um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo nas novas gerações. 11ª Ed. Editora Gente: São Paulo, 1994.

TORRES, Cibele Almeida; BESERRA, Eveline Pinheiro; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. **Relações de gênero e vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis: percepções sobre a sexualidade dos adolescentes**. *Esc Anna Nery R Enferm* 2007 jun; p. 296 – 302. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v11n2/v11n2a17> acessado em 04/12/2014>

YANO, Karen Murakami; RIBEIRO, Moneda Oliveira. **O desenvolvimento da sexualidade de crianças em situação de risco.** Rev. esc.enferm.Dez USP vol.45 no.6 São Paulo. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342011000600006>. Acessado em: 27/09/14

MOREIRA, Aluizio. **A luta contra a opressão da mulher:** donde surge, como combatê-la. 2013. Blog Mundo do socialismo. Disponível em: <http://mundodosocialismo.blogspot.com.br/2013/11/aluta-contr-opressao-da-mulher-donde.html>. Acessado em: 05/12/14

VIANA, Fabrício. **O armário:** vida e pensamento do desejo proibido. São Paulo: Produção Independente, 2006.